

A CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM “FRASES ENGRAÇADAS” VEICULADAS EM OS VIGARISTAS

Ana Cristina CARMELINO*
Raquel Camargo TRENTIN**

ABSTRACT: This study aims to analyse the linguistic mechanisms involved in the construction of the humoristic meaning of “funny sentences” that are in the site Os Vigaristas, especially the ones that are related to marriage, as well as to reflect about the objective of humour produced by these mechanisms. The study is supported by the Textual Linguistic theory with a socio-cognitive basis and in considerations by Possenti (1998) and Travaglia (1992) about the construction of humour.

KEYWORDS: Funny sentences; humour; linguistic mechanisms.

1. Introdução

A inserção do texto como objeto de estudo da Linguística implicou um grande avanço para a ciência da linguagem, uma vez que abriu caminho para a abordagem da língua em seu uso real, enquanto modo de interação entre indivíduos. Paralelamente, abriu espaço, também, para a compreensão do sentido enquanto construção – o sentido não está *a priori* no texto (significação literal), mas, sim, é um construto a envolver fatores como as intenções do produtor, “o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro (...), os conhecimentos partilhados pelos interlocutores, inclusive quanto às regras sociais da interação comunicativa” (VAL, 2006, p. 4).

No que tange aos textos humorísticos, conforme Carmelino (2009), são considerados responsáveis por gerar a comicidade elementos como certos mecanismos linguísticos, o objetivo do humor (riso pelo riso, denúncia, sátira etc.), o tema que é focalizado (como questões sociais, étnicas) e a linguagem que é priorizada. Logo, tendo em vista o sentido enquanto processo sociocognitivo e interacional, este artigo busca demonstrar a construção significativa em “frases engraçadas” veiculadas no *site Os Vigaristas*, assim como os mecanismos linguísticos envolvidos na construção do humor e a finalidade desse humor. Para isso, o estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Textual de base sociocognitiva e interacionista e nas considerações de Possenti (1998) e de Travaglia (1992) a respeito da construção do humor.

Para tornar clara a exposição, o texto está dividido em duas partes principais. Em um primeiro momento tratamos da construção de sentido no texto (levando em conta os pressupostos da Linguística Textual de base cognitiva e interacionista) bem como dos processos de construção e funcionalidade do humor. Em um segundo momento, apresentamos a análise das “frases engraçadas”, buscando observar os mecanismos linguísticos envolvidos na comicidade e a finalidade do humor.

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/CAR. Docente do Departamento de Línguas e Letras da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) e do Mestrado em Estudos Linguísticos dessa mesma instituição.

** Mestranda em Estudos Linguísticos pela UFES (Universidade Federal do Espírito Santo).

2. A construção de sentido no texto: mecanismos linguísticos e processos cognitivos

2.1 A visão sociointeracionista e cognitiva de significação textual

A Linguística Textual (doravante LT), ciência que visa a estudar as relações textuais em suas diversas nuances e intersecções, surgiu a partir da década de 60, no século XX, na Europa. Posteriormente, seus estudos estenderam-se no campo científico da linguagem, tendo, inclusive no Brasil, grandes pesquisadores na área. A LT representa um momento em que se busca superar a abordagem dos fatos da língua a partir de unidades menores, como a palavra, a frase e o período. Com isso, na primeira etapa de seus estudos, de base estruturalista, a LT visou ao estudo das relações interfrásticas pertencentes ao sistema gramatical da língua, que confeririam a duas ou mais sequências de frases o estatuto de texto (KOCH, 2006).

Porém, mais adiante, a partir da segunda metade da década de 70 e nos anos 80, os linguistas textuais perceberam a necessidade de estender seus estudos para além da abordagem sintática e semântica. Com isso, o texto passa a ser compreendido como uma unidade básica de comunicação, um ato interativo, que cumpre uma função determinada, a desenvolver-se em um contexto sócio-cultural específico. Surgem, então, as abordagens pragmáticas, que buscam a integrar, de modo sistemático, fatores contextuais na descrição dos textos (KOCH, 2006).

A partir da década de 90 define-se com notoriedade¹ a abordagem textual de caráter cognitivista, sob a visão de que o texto só é instrumento de ação na medida em que é resultado de processos que ocorrem na mente dos interlocutores, por meio de modelos mentais de evento e de contexto, assim como por meio de operações de conceitualização (KOCH, 2006). Nesse caso, o texto passa a ser uma unidade de sentido construído na interação, a partir da mobilização de conhecimentos previamente armazenados na memória dos interlocutores. Não há como falar em texto sem falar de construção de sentidos, assim como não é possível falar em construção de sentidos sem falar em processos cognitivos acionados por meio dos mecanismos linguísticos que constituem a superfície do texto.

Em outras palavras, a LT passa a ser considerada “o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso” (MARCUSCHI, 2009, p. 73). E, dentro dessa concepção, de base sociocognitivista e sociointeracionista, o texto é visto como “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997 *apud* MARCUSCHI, 2009, p. 72). Como afirma Koch (2003, p. 17), a respeito da significação textual (do texto enquanto unidade de sentido):

A compreensão do texto é, na verdade, uma atividade interativa, altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (...) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo.

Nessa atividade de produção textual, “são mobilizados pelos interlocutores diversos sistemas de conhecimentos alocados na memória, a par de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual” (KOCH, 2008, p. 31). Tais sistemas de conhecimento podem ser de três ordens, a saber: o linguístico, o enciclopédico e o interacional. O conhecimento linguístico corresponde ao conhecimento que se tem sobre a

¹ Convém ressaltar que a gênese da LT de base cognitiva deu-se na década de 80, com estudiosos como Dijk e Kintsch (1994).

gramática e o léxico da língua, sendo responsável pela organização do material linguístico na superfície do texto. O conhecimento enciclopédico corresponde às informações de mundo armazenadas na memória dos interlocutores, as quais são ativadas via inferência na produção de sentido. O conhecimento interacional é de base social, e corresponde ao que se sabe sobre as ações verbais concretizadas no ato de fala, ou seja, na interação (KOCH, 2008).

No que se refere às estratégias de processamento do texto, que implicam na mobilização dos conhecimentos partilhados pelos interlocutores, estes podem ser, conforme Koch (2008), de ordem cognitiva (dizem respeito à ativação e articulação do conhecimento internalizado, que pode ser linguístico, social, vivencial) ao longo do processo de produção de sentido), sociointeracional (são responsáveis pelo estabelecimento e pela manutenção da interação verbal, como a preservação de faces e o uso das formas de atenuação) e textual (referem-se às escolhas textuais realizadas pelos interactantes, no desempenho de diferentes funções, tendo em vista a produção de certos sentidos). Partindo dessas premissas, da visão do texto enquanto unidade de sentido, construído na interação, a partir da mobilização de informações partilhadas, é que se situa a presente análise das “frases engraçadas” e do processamento que leva à instauração do sentido humorístico.

2.2. Humor: processos de construção e funcionalidade

Denomina-se humor os processos que subjazem a um texto, a uma situação, a uma circunstância, que acabam por desencadear o riso ou o cômico. Logo, pode-se considerar como humorístico o texto “que visa ao ato perlocucionário do riso (este, quando associado ao ‘cômico’ ou ao ‘que é engraçado, que é risível’), entendendo-se aqui a perlocução como o efeito que o locutor provoca no interlocutor, através de sua fala” (ROMÃO, 2005, p. 288). Como bem afirma Travaglia (1990, p. 66):

O humor está indissolivelmente ligado ao riso e é apenas o riso que diferencia o humor de outras formas de análise crítica do homem e da vida, de outras formas de rebelião contra o estabelecido, o controle social e o impedimento de prazeres e o conseqüente desequilíbrio e reestruturação do mundo sociocultural; de outras formas de verdade e da criatividade.

Porém, o sentido humorístico não é gratuito, antes cumpre uma funcionalidade específica, como satirizar, depreciar, denunciar, criticar, entre outros. Portanto, sua construção é contextualizada, a exercer um papel político-social. Dessa maneira, “o que o humor critica, agride, desestrutura é o estabelecido em uma sociedade, suas estruturas, componentes (...) e o seu conteúdo difere de sociedade para sociedade e de um período histórico para outro” (TRAVAGLIA, 1990, p. 70).

Pode-se afirmar, então, que a construção de sentido em textos humorísticos é de base sociointeracionista e cognitiva. Isso porque o humor constrói-se na interação entre interlocutores, a partir de uma situação sociocomunicativa específica, a cumprir uma dada funcionalidade, e o processamento de sentido só é possível graças aos conhecimentos partilhados que são mobilizados no ato de interação. E tal mobilização de saberes só se dá por causa dos mecanismos linguísticos, responsáveis por acionar os elementos envolvidos no processamento mental de sentido. Nessa perspectiva, “o efeito de humor deve ser considerado como não sendo especificamente linguístico: a língua apenas um meio entre outros para provocar esse efeito de sentido” (POSSENTI, 1998, p. 23).

Em se tratando das finalidades ou objetivos do humor construído na interação, Travaglia (1992) cita: o *riso pelo riso* (o objetivo seria exclusivamente fazer rir, sem nenhuma

outra intenção subjacente); a *liberação* (busca-se a ruptura de uma censura social, a desmitificação de um tabu, o rompimento de um preconceito); a *crítica social* (procura-se mostrar o ridículo de muitos comportamentos sociais – político, institucional, de costumes, visando à modificação da sociedade); e a *denúncia* (dirige-se aos comportamentos explícitos do homem, que, embora praticados, não são admitidos pelas normas vigentes).

Quanto aos mecanismos linguísticos mobilizados na construção do sentido humorístico, Travaglia (1992) considera: a *cumplicidade*, que ocorre quando o leitor interage diretamente com o texto, compactuando com aquilo que é proposto; a *ironia*, que é a apresentação de algo para sugerir o oposto do que se mostra; a *mistura de lugares sociais*, que consiste na apresentação de um sujeito a partir de um lugar social que não é o seu; a *ambiguidade*, que é o uso de termos e construções sintáticas que permitem a instauração de duplo sentido na frase; o *uso de estereótipo*, que é a utilização caricatural de elementos próprios de uma classe ou grupo social, a fim de estigmatizá-lo; a *contradição*, que implica na oposição de palavras ou atitudes quanto a algo estabelecido ou esperado; a *sugestão*, em que se sugere, de modo implícito, o que é indizível em certas ocasiões, ou para determinados indivíduos; a *descontinuidade de tópico*, que faz referência à quebra do determinismo “lógico” de um diálogo ou fluxo conversacional.

Além desses mecanismos linguísticos, Travaglia (1992) considera, ainda, a *paródia*, que é uma releitura, com tendência à sátira, de dizeres de forte apelo social; o *jogo de palavras*, que é a brincadeira com a semelhança fônica entre palavras de sentido diferente, lançando mão de recursos como a homonímia e a polissemia; o *quebra-língua*, que consiste em uma sequência de palavras que cria dificuldades articulatórias para o falante; o *exagero* que ocorre quando se amplia, demasiadamente, certa característica de algo ou indivíduo a fim de fazer rir; o *desrespeito a regras conversacionais*, ou a desconsideração de marcadores conversacionais, pares adjacentes, tomada de turno e outros constituintes da estrutura de uma conversa; as *observações metalinguísticas*, que são as observações sobre as próprias circunstâncias e elementos que envolvem o fazer humorístico; e a *violação de normas sociais*, decorrente do objetivo básico do humor, que é a contestação, o rompimento da estrutura social vigente.

Possenti (1998), por sua vez, ao fazer referência aos recursos linguísticos construtores de piadas, menciona a *fonologia*, que, por meio de semelhança fônica, permite a leitura de uma sequência a partir de uma outra sequência; a *morfologia* (léxico), que consiste na utilização de termos ambíguos, além de trocadilhos, de modo a permitir a instauração de um discurso implícito sob um discurso literal; a *dêixis*, que implica o uso de termos dêiticos, como os pronomes pessoais, cuja presença ou ausência pode causar ruídos na comunicação; a *sintaxe*, ou o uso de construções sintáticas que estabeleçam duplo sentido na sentença; a *pressuposição*, que é a veiculação de conteúdo pressuposto a partir do uso de um ou mais termos; a *inferência*, que envolve suposições que podem ser deduzidas a partir de uma afirmação; o *conhecimento prévio*, que consiste no conhecimento de mundo dos interlocutores; e a *variação linguística*, que envolve questões dialetais relativas ao falares de uma língua.

Convém salientar, como lembra Travaglia (1992), que esses mecanismos não são recursos humorísticos em si; o que faz com que eles sejam responsáveis pela comicidade é a existência de uma situação enunciativa, conscientemente classificada pelos interlocutores como humorística e que deflagra “algo” que faz com que aquilo que é dito ou acontece seja cômico. Para isso, deve, portanto, existir uma sintonia entre os interlocutores em interação.

No caso das “frases engraçadas”, os mecanismos linguísticos mobilizados na construção do humor atuam mediante um contexto específico – a interação entre os internautas no *site Os Vigaristas*. Nesse âmbito, os interlocutores compartilham entre si

conhecimentos prévios, o que lhes permitem fazer inferências, a partir do que é posto na superfície linguística, e, com isso, construir o sentido humorístico.

3. A construção do humor em “frases engraçadas” que versam sobre casamento

Neste item, analisaremos os mecanismos linguísticos presentes nas “frases engraçadas” que versam sobre o tema *casamento* e como eles atuam na construção do humor. Em seguida, refletiremos sobre a finalidade do humor nessas frases. Antes, porém, achamos importante apresentar algumas considerações sobre nosso objeto de análise, as chamadas “frases engraçadas” e a justificativa da escolha dessa temática.

Denomina-se “frase engraçada” aquela cujo objetivo é provocar o riso no leitor, por meio de artifícios como a abordagem de temáticas controversas, de tabus sociais (a partir de estereótipos, clichês e lugares comuns), além do uso de recursos da língua como o trocadilho, a comparação, a hipérbole, a metáfora e a paródia. Geralmente elas são veiculadas em *sites* humorísticos, como é o caso de *Os Vigaristas*. Este *site* visa a agrupar textos humorísticos em geral, e os próprios internautas são os que criam, postam e avaliam as frases – logo, o espaço mostra-se como um rico contexto de interação, compartilhamento de ideias e circulação de pontos de vista socialmente instituídos.

Dentre as “frases engraçadas” postadas em *Os Vigaristas*, foi feita a opção por aquelas que apresentam como temática o casamento, visto tratar-se de uma instituição social que, embora cercada pelo conservadorismo em seu discurso, na prática contemporânea é marcada pela desarticulação de seus valores. Bergson (1987) afirma que o sentido cômico da linguagem está estritamente relacionado ao cômico das ações e das instituições, sendo uma projeção destas no âmbito da palavra – tal projeção é demonstrada por meio das escolhas das palavras e da construção das frases. Logo, pretendemos analisar, além dos mecanismos linguísticos mobilizados na construção do humor nas “frases engraçadas” que abordam o tema “casamento”, a imagem que o discurso humorístico constrói a partir delas, sobre o compromisso matrimonial, e, com isso, delinear a finalidade do humor.

3.1 Mecanismos linguísticos

Os mecanismos linguísticos, na construção do humor nas frases que versam sobre casamento, acionam, na mente dos interlocutores, os conhecimentos previamente partilhados, levando-os a fazer inferências, e, com isso, participam diretamente da formação do sentido humorístico. Vejamos os exemplos que seguem.

- (1) Casamento é como submarino; pode até boiar, mas foi feito para afundar.
- (2) Casamento é como carro novo. Demora para amaciar e quando isso acontece começa a apresentar defeitos.

Em (1) e (2), o mecanismo linguístico utilizado é a *comparação*. Esse recurso consiste na aproximação de dois elementos aparentemente distintos, no levantamento de características que lhes são comuns. No caso (1), o “casamento” é comparado ao “submarino”, uma vez que “boiar” e “afundar”, particularidades funcionais do submarino, são atribuídas ao casamento. Paralelamente, o leitor tem que acionar o conhecimento prévio de que o verbo “afundar”, na linguagem coloquial, equivale ao fracasso, à insatisfação. Ou seja, o leitor deduz que o casamento é uma experiência fadada ao fracasso, à insatisfação. É, portanto, na desrotinização da experiência comumente vivenciada pelos leitores, na aproximação de *frames* (enquadres)

aparentemente distintos, a partir de inferências inusitadas, que se dá a construção do humor nesse caso.

No exemplo (2), o casamento é comparado a um “carro novo”. Um automóvel, logo quando comprado, requer do motorista um certo período de tempo até que este se acostume com as engrenagens e as “manhas” que o veículo comporta. Porém, com o tempo, acaba por apresentar defeitos de funcionamento. Convém lembrar que o verbo “amaciar”, na linguagem coloquial, equivale a “acostumar com determinada situação, circunstância”. Da mesma maneira, dada a comparação, o leitor é levado a inferir que, no casamento, isso não é diferente: no início, os cônjuges levam um tempo para “amaciarem” o relacionamento, ou seja, para se acostumarem com a nova situação. E, quando isso ocorre, lá vem os “defeitos”, isto é, os problemas conjugais. A aproximação de enquadres tão distintos entre si, como o “carro novo” e o “casamento”, permitida a partir de inferências, possibilita a construção do sentido humorístico, devido à estranheza provocada pela comparação inusitada. Em ambos os casos, o humor suscitado na comparação deduz a imagem do casamento enquanto instituição falida, cujas “engrenagens” culminam impreterivelmente na dissolução dos laços matrimoniais, devido à insatisfação dos cônjuges.

(3) Paz e Amor: Paz com os cornos e Amor com a mulher deles.

No exemplo (3), o mecanismo linguístico mobilizado na construção do humor é a *paródia*. Esse recurso consiste em uma releitura, com tendência à sátira, de dizeres de forte apelo social, visando à construção de um novo sentido (TRAVAGLIA, 1992). Nesse caso, trata-se de uma paródia do lema “Paz e Amor”, relativa à cultura *hippie* que emergiu em final da década de 60, nos Estados Unidos, que apregoava a paz mundial, o sexo livre, a liberalidade no consumo de drogas e de entorpecentes, além do *rock and roll*. Tal movimento repercutiu em todo o mundo, inclusive no Brasil. E, na frase engraçada acima, esse lema passa a referir-se ao casamento, mais especificamente à infidelidade conjugal. O vocábulo “paz” é atribuído ao “corno”, metáfora que designa aquele que é traído pelo cônjuge. Nesse instante, o leitor é levado a inferir a imagem de passividade, socialmente compartilhada, dos que sofrem a infidelidade conjugal. Já a palavra “amor”, significada em termos sexuais, faz referência ao termo popular “fazer amor”, relativo ao ato sexual. O termo, por inferência, induz o leitor a deduzir a “esperteza”, a “atividade” daquele que trai, em contraste com a passividade de quem é traído. A paródia, visto que desrotiniza uma experiência socialmente partilhada, acaba por permitir a construção do humor, na medida em que sugere o ridículo de uma instituição social.

(4) Casamento é igual a Workshop. Enquanto um work, o outro shop.

(5) Um amigo me contou que ele e a esposa iam fazer um swing para quebrar um pouco a monogamia.

Nos exemplos (4) e (5), o mecanismo linguístico de maior relevância para a deflagração do sentido humorístico é o *jogo de palavras*. Esse recurso consiste no uso de homônimas, polissemia e semelhanças fônicas entre palavras para obtenção de sentidos diferentes (TRAVAGLIA, 1992). No caso (4), a frase se inicia com uma comparação – a do “casamento” ao “workshop”. Porém, esse mecanismo não é relevante para a construção do sentido humorístico, servindo apenas de base para o jogo de palavras que é estabelecido a partir do desmembramento das partes constituintes do vocábulo “workshop” (“work” e “shop”). Por inferência suscitada por intermédio de semelhança fônica, o leitor é levado a associar as palavras “work” e “shop” aos seus respectivos significados em língua inglesa – “trabalha” e “compra”, consecutivamente.

Ao ficar estabelecido, na frase, que, enquanto um indivíduo “work”, o outro indivíduo “shop”, há, na verdade, a sugestão de que, enquanto um trabalha, o outro gasta em compras o dinheiro adquirido com o trabalho. Nesse instante, o leitor é induzido a realizar uma segunda inferência, de ordem social. Visto que há, na sociedade, um parâmetro relativo aos papéis dos cônjuges no casamento – o da esposa que é sustentada pelo esposo –, deduz-se que, na verdade, o marido é o que “work” (trabalha) e a mulher é a que “shop” (compra). A descontinuidade experiencial promovida pelo jogo de palavras, que provoca a estranheza no leitor, é a responsável pela deflagração do sentido humorístico. Em suma, vê-se, nesse caso, a perpetuação, de ordem catártica, de preconceitos sociais que são reafirmados por meio dos vieses do humor.

No caso (5), o jogo de palavras se dá, também, por meio da semelhança fônica que há entre os vocábulos “monogamia” e “monotonia”. A expressão “quebrar a monogamia” faz referência direta à expressão popular “quebrar a monotonia”, usada para designar “fuga da rotina, da mesmice de uma determinada situação”. Quando tal dizer popular é aplicado ao contexto do casamento, a partir da troca da palavra “monotonia” por “monogamia”, o leitor é levado a inferir que a monogamia, característica essencial da união conjugal na sociedade ocidental (que proíbe a poligamia e a poliandria, assim como a infidelidade conjugal), é algo monótono, e, portanto, deve ser desarticulada. Ou, nos termos da frase, deve ser “quebrada”. Portanto, percebe-se, na frase (5), o confronto de valores socialmente institucionalizados, relativos ao casamento – daí, forma-se o sentido humorístico, na medida em que o jogo de palavras visa ao escracho, à demonstração de práticas que, embora condenadas, como é o caso da troca de casais, são largamente exercidas (o que mostra o cinismo e os falsos valores que muitas vezes permeiam a sociedade).

(6) Minha esposa e eu fomos felizes por vinte anos. Então nos conhecemos.

No exemplo (6), o mecanismo linguístico mobilizado na construção do sentido humorístico é a *descontinuidade de tópico*. Esse recurso consiste na quebra do determinismo “lógico” do fluxo conversacional, das expectativas quanto ao rumo de um evento comunicativo (TRAVAGLIA, 1992). No caso em questão, a “frase engraçada” é dividida em dois períodos, sendo que a afirmação expressa no primeiro período servirá de “âncora” para a descontinuidade tópica percebida no segundo período. No primeiro período, há um sujeito, construído no texto, que, do lugar social de “marido”, afirma que ele e sua esposa foram felizes durante vinte anos. Devido ao conhecimento prévio de mundo e do fluxo conversacional que envolve determinados atos interativos, o leitor infere que o sujeito já foi feliz na união conjugal durante certo período de tempo, e a felicidade foi abalada provavelmente por motivo de briga, de traição, entre outros.

Porém, no segundo período, essa expectativa é desarticulada. A expressão “Então nos conhecemos” leva o leitor a uma significação oposta a que inicialmente foi inferida. A felicidade passa a referir-se à situação de solteiro, enquanto a infelicidade passa a referir-se à união matrimonial. Ou seja, a infelicidade expressa na frase, dada a descontinuidade tópica, é atribuída não às circunstâncias que envolvem o casamento, mas, sim, ao próprio casamento. Devido à quebra de expectativas quanto aos rumos do evento comunicativo, tem-se a construção do humor, que mostra, mais uma vez, o casamento como uma instituição falida.

(7) O marido surpreendeu a mulher e amante no ato com a boca na botija. Só não sabia que aquilo também se chamava botija.

No exemplo (7), o mecanismo linguístico acionado na construção do humor é a *ambiguidade*. Esse recurso consiste na utilização, em um enunciado, de construções sintáticas e de expressões que possibilitam o estabelecimento de duplo sentido (TRAVAGLIA, 1992). No caso, a ambiguidade é estabelecida pelo uso do termo “com a boca na botija”. O primeiro sentido, atrelado ao ditado popular, indica “pego em flagrante, no ato do crime”. O segundo sentido, estabelecido no contexto da frase, atrelado ao significado literal do termo (estar com a boca em algum lugar), faz referência ao sexo oral, sendo que “botija” passa a ser uma metáfora do órgão sexual. Isso fica claro no uso da expressão “aquilo”, que, por sugestão, é comumente usado na abordagem de questões relacionadas à sexualidade (e que se confirma a partir de ditos como “Ele só pensa naquilo”, ou “Fulano estava com aquilo de fora”). Logo, na “frase engraçada” acima, a construção do sentido humorístico se dá devido ao acionamento de diferentes *frames* de referência, o que culmina no desvio da experiência social do leitor, levando-o a inferir um significado inesperado, e, conseqüentemente, engraçado.

(8) Há pessoas que se casam em comunhão de males.

Na frase engraçada (8), o mecanismo linguístico utilizado na construção do humor é a *inversão*. Este recurso, entendido como o ato de trocar a ordem em que se acham quaisquer elementos (ou coisas), pode ser visto a partir de palavras que contradizem algo estabelecido ou esperado pelo leitor (TRAVAGLIA, 1992). No exemplo, a inversão se dá a partir do uso do termo “comunhão de males”, que se opõe à “comunhão de bens”, regime matrimonial em que os cônjuges dividem entre si seus pertences após o casamento. Primeiramente, como base para a inversão, há o trabalho com a duplicidade significativa da palavra “bens”. Esse vocábulo, que no contexto jurídico indica as posses financeiras de alguém, é usado na frase em um segundo sentido – a indicar o que é bom, agradável. A partir disso, o conteúdo significativo do termo é invertido, no uso do antônimo de “bens”, que é “males”. Isso leva o leitor a inferir o casamento como algo negativo. A inversão, nesse caso, propicia a construção do sentido humorístico na medida em que permite o rompimento, pelo leitor, de uma expectativa, sendo que este humor desnuda falhas que podem existir na instituição “casamento”.

(9) O casamento é uma tragédia em dois atos: uma no civil e outra no religioso.

(10) O casamento é a única guerra em que você dorme com o inimigo.

Nos exemplos (9) e (10), o mecanismo linguístico utilizado na construção do sentido humorístico é a *metáfora*. Este recurso consiste na significação de um conceito em termos de um outro conceito; nesse caso, envolve a compreensão de um domínio da experiência em termos de um domínio muito diferente (LAKOFF & JOHNSON, 2002). No caso (9), o “casamento” é conceituado em termos de uma “tragédia”, peça teatral de origem grega que traz um desfecho triste. Por especificação (denotado pelo uso de dois pontos), as duas etapas da cerimônia matrimonial, o casamento civil e o religioso passam a corresponder aos atos de uma encenação teatral. Por inferência, o leitor deduz que o casamento, assim como a tragédia, tem um fim triste. E, também, que o casamento é, na verdade, uma atuação, dada a sua institucionalidade preestabelecida (por exemplo, em uma cerimônia de casamento, já são previamente determinados os papéis dos participantes – suas falas, seu modo de vestir; as etapas de ocorrência etc.). Pode-se afirmar, então, que o mapeamento do domínio “casamento” em termos do domínio “tragédia” induz o leitor à estranheza, dada a surpresa provocada pela conceituação inusitada, estando a metáfora na base da construção do sentido humorístico.

No caso (10), o “casamento” é conceituado em termos de uma “guerra”. Logo, características pertencentes ao domínio bélico, como a ideia de luta, da presença do inimigo e do campo de batalha, passam a significar o relacionamento conjugal. Ou seja, por inferência, a utilizar-se do seu conhecimento sobre ambos os domínios (o da guerra e o do matrimônio), o leitor deduz, por exemplo, que as lutas são as brigas conjugais, que o inimigo a ser vencido é o cônjuge e que o campo de batalha é o próprio casamento. Portanto, essa metáfora leva à inferência do matrimônio enquanto rivalidade, e não como cumplicidade. Desse modo, é a aproximação de domínios tão distintos entre si que deflagra o humor a partir do desvio da experiência socialmente partilhada.

3.2 Finalidade do humor nas “frases engraçadas” analisadas

A análise das “frases engraçadas” que versam sobre casamento nos leva a constatar que a imagem do casamento construída no discurso humorístico é a de uma instituição falida, fadada ao fracasso, marcada pela incongruência dos princípios que antes regulamentavam o seu funcionamento. Tendo em vista que o humor tem caráter social, a constituir-se nos entremeios de uma sociedade, e considerando a atual situação da união matrimonial, em que é crescente o número de divórcios, percebe-se que a finalidade do humor nessas frases é o *escracho*, a exposição do ridículo de uma instituição social, que, embora mantida coerente no plano discursivo, muitas vezes perde-se nas suas práticas.

A análise mais uma vez demonstra que o texto humorístico e o sentido nele construído, enquanto atividade interacional, tem objetivo específico, a utilizar, no plano temático, de representações sociais e modelos institucionalizados. Logo, o discurso humorístico não só busca provocar o riso, surpreendendo o leitor, mas, também, estereotipa o homem, trazendo à tona comportamentos que não são admitidos pelas normas sociais explícitas, mas que são praticados (e até incentivados).

4. Considerações finais

Para finalizar, convém reiterar que o texto só constitui-se como tal no momento exato da interação, em que os elementos envolvidos na atividade comunicativa são capazes de construir, para dada manifestação linguística, um sentido a partir da conjunção de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional. Portanto, pode-se afirmar que o sentido não está no texto, mas constrói-se a partir dele, no curso de um momento interativo, a partir de estratégias de processamento textual. É exatamente o que podemos constatar a partir da análise das “frases engraçadas” que versam sobre casamento, cuja significação humorística depende do contexto interacional (no caso, a interação entre os internautas do *site Os Vigaristas*) e do conhecimento prévio partilhado pelos interlocutores sobre a união matrimonial e demais fatos do mundo, que é acionado por processos de ordem cognitiva através de mecanismos linguísticos mobilizados na superfície textual.

Notamos, nas “frases engraçadas” estudadas, a presença de diversos mecanismos linguísticos que são utilizados na construção do humor, entre eles a comparação, a paródia, a metáfora e o jogo de palavras. Além disso, o humor produzido tem por objetivo expor as discrepâncias existentes entre “discurso / prática” no que tange ao relacionamento conjugal. Em suma, as frases revelam “ataque ao estabelecido”, de modo a “mostrar outros possíveis padrões escondidos” (TRAVAGLIA, 1990).

Referências

- CARMELINO, Ana Cristina. As dicas-piadas do Casseta & Planeta: denúncia e liberação. In: LINS, Maria da Penha Pereira; CARMELINO, Ana Cristina. *A linguagem do humor: diferentes olhares teóricos*. Vitória: PPGEL / UFES, 2009.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- DIJK, Teun Adrianus van; KINTSCH, Walter. *Strategies of discourse comprehension*. New York, Academic Press, 1994.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark (trad. GEIM – Grupo de Estudo da Indeterminação e da Metáfora). *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ / Mercado de Letras, 2002.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análise linguística de piadas*. São Paulo, Mercado das Letras, 1998.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Leitura: Estudos linguísticos e literários*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, n. 5, 6, p. 42-79, 1992.
- _____. Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística In: *D.E.L.T.A.* Vol. 6, nº 1, 1990, p. 55-82.
- VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.